

Amazonino admite não poder comprovar não ser empreiteiro

Governador garante a lisura dos contratos com a Econcel

Denise Rothenburg

Enviada especial

● MANAUS. De todas as denúncias que desabaram sobre seu governo na última semana, só uma o governador Amazonino Mendes não rechaça com veemência: a existência da gravação em que seu filho, Armando, e seu ex-tesa-de-ferro Fernando Bonfim revelam um esquema com empreiteiras. O governador do Amazonas garante que a Econcel não é sua, como afirma Bonfim, mas, ao mesmo tempo, admite que não ainda sabe como provar isso.

O governador rebate as acusações de superfaturamento de obras e as suspeitas levantadas sobre o envolvimento de sua família no assassinato do empresário Samek Rosenski, em 1993. O resto (denúncias envolvendo comissões, compra de votos, compras de carros e geradores superfaturados) ele classifica como boataria. Mas em nenhum momento, em duas horas de conversa com O GLOBO, ele negou a existência da gravação ou mesmo que seja seu filho o interlocutor de Bonfim na conversa gravada:

— De tudo o que falaram, as únicas coisas pelas quais tenho que dar satisfações se referem à Econcel, às obras e ao Rosenski. Quanto à gravação, vou à Justiça. Não sei como foi feita essa fita, não ouvi esta fita e, portanto, vou processá-lo para que ele (Bonfim) apresente a fita na Justiça.

Ele recebeu a equipe do GLOBO na casa que aluga do empresário Otávio Raman Neves. Sobre a Econcel, disse que não é do-

no da empresa, mas não sabe como comprovar isso. Perguntado sobre os R\$ 34,7 milhões que a empreiteira teria recebido em 1995, desconversou. Disse que prefere aguardar o resultado de uma auditoria.

— A Econcel não recebeu favorecimento de recursos públicos. Tenho plena convicção da lisura dos contratos. Não sei como comprovar que não sou o dono. Tenho a minha palavra. Para mim, há duas perguntas que precisam ser respondidas: houve licitação? Houve. As obras foram superfaturadas? Não. O resto não me interessa — defendeu-se.

Amazonino nega envolvimento com crime: "Isso me dói"

Alegando dificuldade em falar sobre seu filho e sobre a morte de Rosenski, ele respondeu:

— Esse ponto é muito duro para mim. A morte dele (Rosenski) foi um choque. Não sei em que contexto meu filho falou, não sei como foi feita essa gravação, ele (Armando) também não se recorda de ter falado qualquer coisa a respeito. Ele é um menino doce, meigo, reservado. Você não pode imaginar como isso me dói.

Amazonino disse que não houve cobranças de comissão em seu governo e que jamais falou na existência de outras fitas, nem mesmo no encontro que teve com os empresários na sua casa, há cinco dias — uma reunião que até ontem era desmentida com veemência por sua assessoria e confirmada por quatro empresários presentes:

— Eles vieram me prestar soli-

diedade. Jamais falei em outra fita. Disse que me teriam chegado informações de que o Bonfim teria outras gravações em que dizia que eu era analfabeto e idiota. Mas nunca mencionei comissões, nada disso. Não existe essa prática no meu governo.

O governador rechaçou qualquer hipótese de renúncia ou mesmo de negociações com Bonfim. No fim da noite de sexta-feira tinham circulado na cidade informações a respeito de um suposto acordo negociado entre Amazonino e Bonfim. Bonfim não divulgaria as outras fitas que diz ter e, em troca, o governador demitiria o secretário de Fazenda, Samuel Hannan, pivô da crise.

O governador deixou transparecer aborrecimento com o Governo federal por causa da permanência de Mauro Ricardo Costa na Suframa. Confirmou que já esteve com o presidente Fernando Henrique para pedir a exoneração de Costa.

— Esse senhor veio para destruir a Suframa. Não tenho premissões políticas lá. Ele não compatibilizou as normas da Suframa com as do Sistema de Comércio Exterior e causou um prejuízo de R\$ 20 milhões no início do ano, porque as mercadorias ficaram retidas pela Receita — criticou.

Amazonino acusou os tucanos do Amazonas, os deputados Arthur Virgílio e Luiz Fernando:

— Luiz Fernando eu afastei da Secretaria de Saúde por roubo. O Arthur fez obras que até hoje não têm registro. Eles já inventaram de tudo contra mim. Até que eu tinha um castelo na França. ■